

Barredo

Da janela do quarto onde passei aqueles dias, nos momentos livres, eu olhava o Barredo. O Barredo mantém a sua fisionomia e os seus costumes e em nada mudou, na aparência, o seu viver. Crianças nuas, mulheres às portas, ruas escuras, telhados com muitos remendões, cordões de roupa estendida nas janelas, lavadeiras à beira rio, barracas com imensas coisas a vender, homens a matar horas que deviam ser de trabalho, pisos públicos sujos e com o cheiro característico da falta de higiene.

Uma das maiores chagas que me ficou foi a diligência com que grupos de pequenitos esperavam e acompanhavam os carros que se aproximavam ou partiam dum largo de estacionamento. Eles a correr ao lado das respectivas portas, a abrir e a fechar, insistindo de mão estendida à espera da moeda de quem safa ou de quem entrava. E depois partiam noutras direcções a fazer não sei o quê.

E ficou-me uma chaga grande pela vida gasta a criar filhos dos nossos barredos. Os barredos estão espalhados pelas nossas cidades e em todas as nossas Casas do Gaiato nós recebemos estes filhos. Eles são fruto de quem chega e parte, de quem dá e leva. São fruto de quem passa na vida e não ama.

Num dos dias, depois do almoço, desci com dois companheiros à beira rio. Os meus dois companheiros são de longe e nunca por ali tinham andado. Que espanto o deles! Que silêncio interior que cada um fez! Vimos a água suja cortada por pequenos e pequenas que mergulhavam, muitos deles completamente nus. Ouvimos palavrões doutros estendidos ao sol. Mães chamavam nomes feios aos filhos. Filhos respondiam mal às mães. Homens andrajosos aos grupos, sem vida.

Subimos a calçada de regresso ao nosso lugar e as chagas que se geraram nos meus companheiros avivaram a minha de há muitos anos. O Barredo continua. Estou certo que não temos falado em vão neste cantinho de «O Gaiato», mas eu julgava que muito mais já se tinha feito. Os barredos continuam.

Padre Horácio

O desencanto do tempo e do mundo salva-o o Humor. É das coisas sérias que restam, a temperar as interrogações que se avolumam. Uma força de reserva para a sanidade mental das pessoas. Nunca me pareceu tão útil o Humor.

Não sei como é com os outros povos, mas o português foi sempre fértil neste jogar com palavras, na caricatura de situações e de homens, tantas vezes, o retrato mais verdadeiro do que se é e do que se passa.

Deus guarde os Humoristas verdadeiros e os inspire. E em todos nós desenvolva esta faceta, senão para o proliferar do anedotário, para a conservação do sorriso que o efêmero merece e da esperança que o futuro exige de cada um.

Vim há pouco da nossa mata. Uma turma de pequenos e os estudantes do Lar, empregavam-se com seriedade na remoção da lenha graúda e na queima da miúda que o «catterpiller» surribador desenterrou. É o trabalho grande destas férias, a limpeza da mata, a preparar nova plantação que a valorize. É a mãe-terra, de quem, apesar de todas as contingências naturais, mais esperamos para um amanhã que não desiluda.

Nós temos necessidade de olhar em frente. Valerá a pena usar umas vendas laterais que nos não deixem desperdiçar pelas incongruências do presente. Olhar em frente, ao largo..., sabendo embora que muitos de nós não veremos já os

NOTAS do Tempo

frutos da sementeira de agora.

Nas terras baixas, de cultivo, o milho, o tomatal, as hortas vicejam de verdura. Outras turmas de Rapazes, sacham, regam, mondam, guardam o gado que pasta. Há um silêncio fecundo, cortado a momentos pela algazarra natural da juventude.

Ouve-se o ruído da sulfateira que trata o vinho, que não sabemos ainda onde recolher, com a adega cheia dos dois anos passados. Outra turma de Rapazes prepara a calda, transporta-a ao longo das ramadas.

Há vida, há luta pela vida — imagem perene em nossas Casas, que não parte oportuna de uma «batalha de produção» que se reclama em palavras e

em folclóricas fotografias nos grandes jornais e que nem é...

Regresso feliz dos nossos campos. Nem os Rapazes sonham a importância do papel que desempenham — que sempre desempenham! — nesta tarefa gloriosa e construtiva de comer o pão com o suor do seu rosto. Soubesse eu transmitir-lhes a consciência desta glória! contagiá-los com a alegria que me causam!

Batalha de produção...!
Era uma Empresa de alta organização. Recente encomenda foi-nos prometida para a se-

Continua na QUARTA página

EM DISTRIBUIÇÃO

«O Lodo e as Estrelas»

Quando este apontamento sair à luz do dia, todos os Assinantes da nossa Editorial já possuirão «O LODO E AS ESTRELAS».

A nossa malta fez das tripas coração. Evidentemente, não falamos do barulho natural, bombástico, do Elísio, do «Campanera», do «Faneca» e de outros..., que nos obrigam a um delicioso sacrifício!

A correspondência recebida — e a que há-de vir! — é um autêntico vulcão!

Mau grado ferirmos, talvez, a natural humildade e discrição de Padre Telmo, não poderíamos esconder a primeira ressonância dos Leitores que já têm a 2.ª edição, aumentada, de «O LODO E AS ESTRELAS».

Aí vai, tal e qual:

«Acabo de receber um precioso livro. E neste dia 16 (aniversário do passamento de Pai Américo) tem um sabor ainda maior! Por isso, mesmo muito à pressa, venho agradecer, com toda a alma, a lembrança de mo enviarem.

Hoje, Pai Américo rejubila conosco. Peçamos-lhe que, junto de Deus, interceda por todos nós; nesta hora crucial!

Padre Telmo é meu conterrâneo e também eu, «nesse tempo», soube e vi como ele, por E'e, fora Escândalo! Assim um duplo valor tem para mim esta obra.

Envio-lhes esta modesta quantidade para ajudar às despesas de envio de mais livros a quem como eu esperava ansiosamente pela sua distribuição.

Este não é o meio correcto de enviar dinheiro, mas acredito que chegará aí com o meu obrigado.

Os meus cumprimentos, a todos quantos colaboraram na expedição desta preciosidade para o espírito...»

Sim, «O LODO E AS ESTRELAS», mastigado com os olhos da alma, é um banho espiritual. E uma chicotada à flagrante injustiça de poitentados e dos res-

Continua na QUARTA página



CALVARIO — Em primeiro plano a Cruz, símbolo do sofrimento e da redenção. Aqui são recebidos e amparados cristãmente aqueles que a sociedade rejeitou!

PELAS CASAS DO GAIATO

AZURARA

Começaram as férias na nossa Casa de Azurara.

Como é habitual, são sempre os mais pequeninos que abrem a época balnear. Coube neste turno a vez aos pequeninos da casa-mãe, casa 4 r/c e ainda a dois cozinheiros: Miguel e Cereja. D. Maria Angélica e menina Trindade, foram as responsáveis por este turno.

Pois a opinião geral da malta é positiva. Tivemos umas boas férias e um bom tempo, só com dois dias de nevoeiro.

No que mais pensámos, foi em comer um bocadinho melhor e em toda a espécie de divertimentos: jogar à bola, tomar banho, fazer corridas, enfim, uma série de coisas.

Durante a nossa estadia fizemos amizade com dois casais, com os quais nos dávamos muito bem.

Tivemos muitas visitas e saíram de cá bem servidos. Acho que não tiveram nenhuma razão de queixa contra nós.

Tivemos ainda um grande convite que foi fazer uma festa no Parque de Campismo, ao ar livre. Foi cerca das 9 horas da noite. O céu estava limpo, não havia frio, nem sinal de chuva e assim realizámos esta festa com grande alegria. Correu tudo uma maravilha. Nesta festa arranjámos a quantia de 2.000\$00. Ficámos todos satisfeitos. Não só nós, mas também os senhores campistas. Já agora aproveito para agradecer em nome da malta toda deste turno por aquilo que nos deram e ajudaram.

Pois assim chegam os últimos dias de férias e a malta começa a sentir aquelas saudades, não só da praia, mas também dos amigos.

A rapaziada portou-se bem, mas podia corresponder melhor.

Aqui fica, amigos leitores, o resumo do que se passou no primeiro turno de praia.

Cereja

LAR DE COIMBRA

ANO ESCOLAR — As notícias de hoje são sobre o ano escolar que está prestes a chegar ao fim para todos, pois que todos os rapazes que estão no Lar são estudantes e alguns trabalhadores-estudantes.

O ano começou com 23 rapazes. Apesar das greves e toda uma grande barafunda e desordem que se verificou em muitos estabelecimentos de ensino, os nossos rapazes obtiveram bons resultados.

Não sei porquê, esta desigualdade entre o ensino particular e o oficial! Os nossos rapazes frequentaram o ensino particular — na sua maioria o Colégio Pedro Nunes, que, como todos os anos, a sr.^a D. Julieta de Carvalho nos aceita no seu e nosso Colégio, como costuma dizer — e os que já fizeram exames, obtiveram todos melhores resultados do que os do ensino oficial. É de salientar que não houve a fantochada que se verificou em alguns estabelecimentos de ensino. Pois não é assim que se vence a batalha da produção?!

Os do Ciclo tiveram exames e passaram com muito boas notas.

Os do 3.º e 4.º anos já estão em férias.

Temos dois quintanistas que aguardam os resultados das provas escritas. Eu fiz o 1.º ano da Escola do Magistério Primário.

Também os que frequentaram o Ensino Oficial obtiveram resultados esplêndidos.

ZECA — Tem estado connosco no Lar.

O Zeca é um pequenito muito engraçado e muito alegre.

Veio para Coimbra depois de ter estado no Calvário, por causa de uma das vistas, que estava quase cega. Teve início no ventre materno. Depois agravou-se nos primeiros tempos de vida. Agora está em Coimbra a tratar-se e está a recuperar.

De vez em quando pergunto-lhe:

— Então, vais dormir?

— Bruxo! É só comer e dormir!

Um destes dias, ia eu para a cama, eram cerca de 22 h. e 30 m. Passei pelo dormitório dele e tinha a luz apagada, mas estava sentado na cama e disse:

— Estou a ler a história da raposa.

É assim que passa o tempo dele.

Zé Domingos

TOJAL

SER REVOLUCIONARIO — Dentro dos conceitos políticos actuais é imperioso ser-se revolucionário, mais ainda, estar com a revolução até porque só há duas hipóteses sem pontos intermédios.

Na estabelecimento de ensino onde tenho andado também se pensa em revolução. Em estudantes revolucionários e em estudantes progressistas.

Muitas coisas se planearam fazer. Poucas se fizeram, positivas. Muitas se fizeram, negativas.

Não se deitou fogo ao edifício escolar, mas destruiu-se material. Agridiram-se os professores, não fisicamente, mas por palavras. Criticaram-se os soldados, os partidos políticos, o ministério respectivo e muitas outras coisas mais, conforme a «ordem de trabalhos».

Que esperar de um ensino onde as minorias conseguem dominar as maiorias? Os conceitos políticos são os que mais contam e em que todo aquele que contribui para o bem-estar escolar, o seu verdadeiro progresso e que ao mesmo tempo se instrui em vista ao futuro, é considerado pelas minorias um «estudante reacionário».

Eu entendo o revolucionário como sinónimo de construtor. Aquela que faz frente a todos os obstáculos para conquistar a paz, o progresso e o bem-estar dos seus semelhantes mais necessitados, sem molestar a integridade física d'outrem ou os seus bens materiais de maneira abusiva.

É compreensível que para se conseguir parte da revolução é necessário incomodar os melhor instalados e reais reacionários, travões do pro-

gresso, aqueles que esqueceram os direitos do homem.

Mas tenhamos cuidado para que não caiamos nós no mesmo mal.

Olha-se muito ao passado. Mas só o mau. Isso é que é pena, pois quantas e quantas vezes o que a pessoa realizou de positivo, mais que suficiente para apagar uma ou outra cabeçada que tenha dado, é ignorado porque não convém ter-se em conta para o jogo que se quer fazer.

Tendes vós, amigos leitores, na Obra da Rua e no seu fundador, verdadeiros exemplos do que é ser revolucionário.

Jorge Cruz

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

ESPÍRITO DE PARTILHA — Os nossos Leitores, cristãos e homens de boa vontade, revelam um espírito de partilha fantástico!

Hoje, quando muitos homenzinhos queriam esconder, calcar, humilhar quanto a Igreja, pelos seus filhos pecadores, há feito e denunciado neste País — nas horas negras do silêncio! — em benefício dos Pobres, a tônica dos nossos Leitores é a mesma da década de 40..., de há dois mil anos!

Conhecemos, de há muito, a dialéctica de muitos profetas..., que vivem refastelados! Que preferem, para seu interesse, o Pobre sofrer ou morrer lentamente de fome, de miséria, para lhes servir de cartaz, enquanto apreçoam o paraíso!!

Mais do que uma vez, na era do silêncio, travámos duras batalhas com estes monstros, bandeiras da morte que têm como doutrina fazer aos outros o que não queremos que façam a nós...!

A maior e mais grave alienação da história!

Vamos ao espírito de partilha, cimentado na Verdade. Em primeiro lugar, um postal de Alcobça:

«Vai ficar admirado de eu lhe perguntar só agora, em Julho, se o casal de Auto-construtores de que falava em «O Gaiato» de Abril ainda necessita de auxílio. É o caso para me responder qualquer coisa no género de: «se todos fossem tão lentos como V., ainda não teria recebido auxílio de ninguém». De qualquer

môdo, se ainda lhes fizer jeito 1.000\$00 a juntar a outros, mând-me dizer em que nome e morada deverei enviar.

(...) Vamos ver se desta vez arranjo mesmo tempo e dinheiro para satisfazer os meus desejos (nem um nem outro me sobram, talvez por culpa minha)...»

Já respondemos!

Mais 50\$00 de Médico amigo, de algures. O mesmo de Figueira de Castelo Rodrigo, «sufragando a alma da minha querida Avozinha». Sufrágio cristão! Agora, 400\$00 de Lisboa: «Sou uma velha amiga, grande devotora da Obra da Rua, e de todo o coração desejo continuem a ter sempre a necessária coragem para prosseguir no serviço dos mais necessitados». Ó legenda! Outra vez Lisboa: «Uma Avozinha» que «envia esta mínima importância (150\$00) para os Pobres mais necessitados da Conferência. Sempre que possa enviarei o que puder». O seu desejo vale muito! Por fim, 100\$00 de um Licenciado, do Porto.

Para todos, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRA

As nossas férias na Praia de Mira tiveram início no passado dia 4 de Junho e estão a decorrer pela ordem habitual.

Abriam a Casa os nossos mais pequenitos. Estiveram lá aproximadamente cinco semanas e, por conseguinte, bateram o record de todos os outros anos.

Todos eles levavam consigo o distintivo de que gozaram realmente belos dias de praia e banhos à beira-mar.

Na sua carita, via-se a pele esfolada, expressão natural, própria do ambiente quente.

Esteve com eles o João Bandarra que deu por terminado o seu serviço militar e o qual aceitou voluntariamente, ficar como mais responsável das nossas Colónias de Férias do centro.

Ele está ainda com o encargo da cozinha e, por sinal, tem feito boas caldeiradas. E falo em caldeiradas porque é o termo mais explicativo, dando-nos melhor a entender que de facto temos comido bastante peixe a várias refeições. Mas de onde nos vem tudo isto? Apenas de relações de amizade, pois ela tem estado pa-

tente, diante das redes que vão e que chegam. Uma vez mais cheias, outra mais vazias, elas trazem-nos sempre os mimos dos nossos amigos. Que bom saborear o carinho das pessoas que tanto nos amam!

Referindo-me à nossa Casa, não tenho dúvida nenhuma de que é uma casa com todas as qualidades de beleza e, sobretudo, cheia de vida. Ela é fruto de muito sacrifício nosso e doação de muitos amigos.

É muito natural que uma casa com todos estes dados, chegue a atingir o limite de uma determinada coibição. De facto, ela tem mesmo bastante categoria, mas é bom que os nossos amigos de mais perto nos conheçam e todos os outros que ainda estão longe de nos conhecer, é bom que todos eles se lembrem que parte dos Rapazes que outrora eram lixo da rua, podem mostrar-vos hoje bem nitidamente que também sabem construir maravilhas e que amanhã poderão ser homens válidos para a sociedade.

Manuel António

Paço de Sousa

— DIA 16 DE JULHO — Saímos dos nossos dormitórios com o sol a aquecer o ambiente. Ainda bem.

Estava um dia bonito.

Logo de seguida fomos para a Capela onde assistimos à Missa que teve cerimónia, por causa da Profissão de Fé de alguns dos nossos Rapazes. Que bonitos eles estavam!...

No fim da Missa fomos tomar o pequeno almoço. Logo de seguida os mais pequenos dirigiram-se ao nosso portão, para seguirem para a Senhora do Salto, na camioneta e os restantes foram nas nossas duas carrinhas.

A S.^a do Salto é um lugar encajado e cercado por altos rochedos. Encontra-se lá a capelinha da Senhora do Salto, que é muito bonita. Ao pé, o rio Sousa, onde muitos se regalarão a tomar banho.

Foi pois, aqui, que nós almoçámos juntamente com alguns dos nossos rapazes casados, entre eles o Bernardino e sua filha, que é um amor de criança. Estiveram presentes também as nossas Senhoras.

Depois do almoço, passeámos por lá, cada um por onde quis e lhe apeteceu. Os mais velhos foram ao bar que se encontra lá perto; outros foram apanhar peixes; outros jogaram a bola; outros dormiram, etc.

Por volta da 5 horas a malta que quis, foi tomar banho, para depois regressarmos a Casa.

Foi um dia extraordinário.

Tudo ajudou a completar a nossa alegria: tempo, comer, banho, etc.

Parabéns cozinheiros.

Marcelino



Ana Cristina, filha do Zé Adolfo e Matilde, numa «pose» em Pretória (África do Sul).



TRIBUNA de COIMBRA

Apareceu portão dentro e perguntou pelo sr. Prior, ao primeiro que encontrou. Eu estava perto e acorri. Era uma mulher de trinta e poucos anos, pobremente vestida, desembarrada no falar, com um pequenito pela mão. Disse-me que queria falar comigo, mas fora do grupo dos nossos que logo nos rodeou.

Retiramo-nos um pouco e começou por me mostrar dez cédulas dos dez filhos que tem e que são todos pequenos. E

depois contou, contou, contou.

Foram umas senhoras suas amigas e o pároco da sua terra que a têm ajudado e agora a animaram a vir ao nosso encontro. O marido, de 35 anos, era operário construtor e trabalhou em pátria vizinha. Trabalhou e poupou e conseguiu construir uma casinha na terra. Construiu mas não a acabou. Não tem portas, nem vidraças, nem tectos, nem rebocos. Vivem todos lá dentro, mesmo assim.

Mas a grande desgraça foi a doença que atacou o marido há um ano. Não tem tido melhoras. Não tem esperança. Não estava inscrito em melos de previdência, pois trabalhava fora e por sua responsabilidade. Agora a falta de pão para a numerosa família é a maior desgraça. Ela não pode ir ganhar o pão, pois não pode abandonar o marido e os filhos mais pequeninos. Isto tudo contou delicadamente aquela mulher.

Eu acreditei. Conheço a sua terra e as pessoas de quem falou. Ela conhece o nosso pequenito que lá vai vender «O Gaiato». A minha primeira resposta foi chamar o «Almas» para trazer dois atacadores para os sapatos do filho pequenito e o «Almas» atou-lhe os sapatos. Depois, dei-lhe uma palavra de esperança no sentido de procurar mãos que a ajudem a acabar a casinha. Subi a escada e fui ao escritório buscar um rolinho de notas que os nossos tinham apurado na venda de «O Gaiato». E despedimo-nos até à próxima com um beijo ao pequenito.

Partiram e eu fiquei com a certeza de que estamos empenhados na revolução que importa e que aceitamos, boa e justa quando feita com amor, dando a cada um aquilo a que cada um tem direito.

Padre Horácio

RETALHOS DE VIDA

O Elísio



Sou natural de Miragaia-Porto, onde nasci a 17 de Abril de 1961.

Tinha 5 anos quando vim para a Casa do Gaiato em Paço de Sousa, porque a minha Mãe tinha que ir para o hospital e como vivíamos sós, foi a melhor solução.

Tenho 14 anos e já estou nesta Casa há 9 anos.

Tenho vários amigos e vou citar dois deles: — O Sabino e o «Gorila», pois o primeiro também citou o meu nome quando escreveu os seus «Retalhos de vida».

A minha Mãe, quando pode, vem cá ver-me, o que me dá muita alegria e me atrai a ir para junto de si.

Talvez um dia o consiga.

Fiz este ano o 2.º Ano do Ciclo Preparatório TV, que me correu bem.

Trabalho na Tipografia, na secção de escritório, a endereçar os jornais que vão para os Assinantes e a contar e empacotar os da venda das nossas Casas do Gaiato da Metrópole e de África.

Desde já agradeço a todos os Obreiros e Colaboradores desta Casa, o que têm feito por mim.

E aqui está a parte mais importante da minha vida, do que me recordo.

Termino esta minha crónica e despeço-me com um abraço.

Elísio Humberto de Oliveira Rodrigues

BENVENIDA

Numa aula de ética, o tema que estava em causa era sobre a Caridade. A este respeito, debatemos vários pontos ópticos. E em determinada altura, um colega de turma perguntou se a Casa do Gaiato era governada por entidades oficiais. Claro, a resposta dependeu do professor, embora esta pergunta se relacionasse um pouco com a minha vida.

— Amigo, tens um conceito muito errado do que são as Casas do Gaiato — respondeu-lhe.

— Aquela Obra que tu e muitos de nós talvez já tivemos ocasião de visitar, não passa senão duma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Portanto, aquela, se não estou em erro, é a única, retorquiu-nos.

Caro leitor, este é o nosso lema, que já vem do passado e é agora, para continuar a sê-lo no futuro, para aqueles a quem nós havemos de dar a vez. Isto é uma realidade, não é publicidade. Para publicidades, garantimo-lhes que, em época de exames, me abstinha... Sejamos realistas.

Sendo de Rapazes para Rapazes, pelos Rapazes, sempre tivemos todo o direito e toda a liberdade — desde o antigo regime — em escolhermos os nossos próprios chefes, a quem Pai Américo chamava servos da Comunidade.

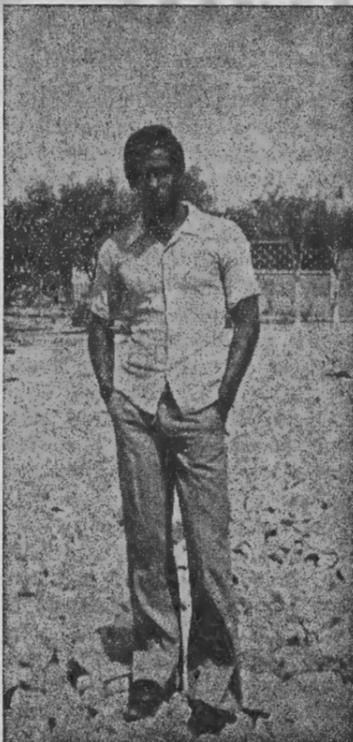
Ora, no passado dia 19 de Julho também tivemos o direito de escolher o novo chefe e sub-chefe. Como não podia deixar de ser, tratava-se de um acto eleitoral muito sério. Os eleitores foram todos os que tinham o Ensino Primário completo e 14 anos feitos. Foram eleitos por sufrágio directo o chefe maior e o sub-chefe. Ao fim de três horas e meia de reunião, tivemos o conhecimento dos novos chefes, que passo a mencionar:

Chefe maior — Manuel Barros com 27 votos, ao fim de três escrutínios.

Sub-chefe — António João — com 32 votos, no final de dois escrutínios.

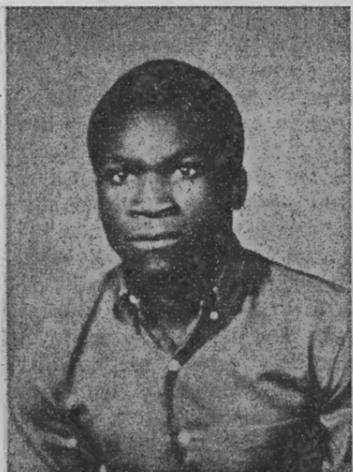
No fim de cada eleição, houve uma grande salva de palmas para ambos os eleitos. Como é tradicional, no fim, o novo chefe teve uma palavra a dizer à Comunidade e fê-la pedindo muita colaboração. O sub-chefe não teve nada a acrescentar. Pelos vistos, encontrava-se um pouco nervoso.

Também Jorge Gabriel, o chefe cujo mandato acabara, teve a palavra. Focou os principais pontos do seu mandato e, uma palavrinhá de esperança para o seu substituto. Finalmente, como não podia deixar de ser, o sr. P.e Manuel dirigiu aos novos chefes uma mensagem de con-



Manuel Barros, chefe maior eleito pela nossa Comunidade

forço. Ao ex-chefe agradeceu, em nome da Obra, pelo seu mandato que sempre procurou realizá-lo da melhor maneira, não ao gosto de todos, porque é impossível; e para



António João, o sub-chefe eleito

a Comunidade pediu a compreensão de todos.

Portanto, agora que nós escolhemos pela nossa livre vontade os nossos legítimos guias, não podemos deixá-los trabalhar sós. Bem ou mal — digo isto porque não se pode agradecer a todos — temos o dever de cooperarmos com eles. Só assim é que havemos de levar a nossa Obra à frente, porque ela será aquilo que a Comunidade quiser.

Domingos André

AQUI, LISBOA!

Por Padre Abel

Nas sociedades há sempre um certo número de cidadãos que não podem defender os seus direitos. São as crianças, são os doentes, os velhos, etc. Em nome deles outras vezes se devem levantar.

Uma sociedade onde os mais fracos não encontram protecção é uma sociedade injusta.

Hoje em dia fala-se em Portugal muito na necessidade de atender os desprotegidos, mas a verdade é que não basta fa-

lar nas suas dificuldades para que elas sejam resolvidas. Todos sabemos que este problema exige medidas urgentes pois as necessidades elementares das pessoas não podem esperar.

Todos os portugueses sabem que a Assistência Social é extraordinariamente deficiente neste País e esse drama deve pesar em todos, não apenas por uma questão de altruísmo, mas porque ao fim ao cabo ninguém está livre de entrar numa si-

tução de necessidade. Ora, neste como em muitos outros campos, todos tomam consciência de que há muito por fazer e simultaneamente verificamos a perda de energias, de capacidades criadoras, em lutas constantes. Dir-se-ia que os portugueses estão mais preocupados em lutar entre si, do que em tomar sobre os ombros as tarefas capazes de criar um País novo, onde todos possam ser mais felizes.

Mais que ninguém os cristãos deveriam sentir-se obrigados a construir plataformas construtivas de entendimento porque não há doutrina humana que vá mais longe que a de Cristo, no sentido de chamar os homens à obrigação de fraternidade, de auxílio aos mais desfavorecidos, obrigando-nos a atender a todos, até aos inimigos. Da parte do homem é que nem sempre há resposta de Fé. Esta, para se manter viva, tem que ser operante. Mas todos os portugueses são chamados à construção de um País novo e ele só poderá ser construído com a colaboração de todos, em espírito de fraternidade, dando o ódio lugar ao amor, dando a opressão lugar ao respeito pela liberdade e direitos de cada um. Será possível?

Uma CARTA

«Muito obrigada pela sua carta. Nada tem a agradecer-me, pois como já deve ter notado, pouco ou nada é meu, de resto tudo nos é emprestado, nada é verdadeiramente «nosso».

Limito-me a pedir, a falar na Obra do Padre Américo, pela qual tenho uma admiração sem limites, a pessoas de boa vontade. Gostaria de ser uma «chama» que incendiasse todo o mundo, numa grande fogueira de Amor!

Oxalá os Galatos, esses inocentes, rezem muito (não por mim, que nada peço, nem desejo), mas por todos os seres humanos, tão cheios de ambições, orgulho, inveja, que nos fazem até sentir certo desprezo pela vida, pela qual devíamos dar graças.

O pouco que mando, tam-

bém me deram, para ser vendido como fazia o Pai Américo. Tenho mais algumas coisas para levar e qualquer dia aí irei, embora a minha alma sofra até ao infinito, por me sentir tão pequena, tão insignificante, tão inútil, tão cheia de amor por tudo e todos.

As vezes tenho vergonha de viver neste mundo, onde vejo tanto ódio! Se ao menos os homens compreendessem que o homem que inveja outro homem, não é senão uma miséria que inveja outra miséria!...

Como é difícil viver em paz! Já dizia S.to Agostinho que «tamanho bem é a paz que não há neste mundo coisa mais útil de possuir, nem mais difícil de conseguir».

Desejo-vos muita coragem, saúde e todas as graças de Deus».

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T.A.P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

NOTAS do Tempo

Continuação da PRIMEIRA pág.

mana seguinte. Passaram duas. Fomos. Passou outra. Torná-mos. Depois veio, mas incompleta. Dissemos. «Sabe, são coisas que acontecem...» — eis a justificação.

Outra semana prometida. Mais outra de silêncio. Mandá-mos lá. Outras duas semanas. Não mandámos; fui. Afinal a remessa era suficiente. O esclarecimento do pedido e as instruções devidas para a conclusão eficiente é que marcaram pela ausência.

Era uma Empresa maior. Parece agora que navegamos em mar de menoridade. Que tristeza!

Outra experiência semelhante em loja de antiga tradição. A gente chega. Mendiga a atenção de um funcionário.

— Eu não posso. Ó Fulano, olha aqui!

O Fulano responde que também não pode; outro que atenda.

Entretanto conversa-se, discute-se, com pleno impudor e desrespeito do cliente que aguarda.

— Ó Fulano, olha aqui! ..

Não há Fulano disponível para servir quem chega. Valem-nos um velho empregado que já não está ao balcão.

— Ó senhor F., veja se me acode.

E ele vem, acode mesmo.

— Desculpe, são os novos tempos!

Direitos do Homem.

Uma história igual a muitas.

Um Rapaz nosso na casa dos 46 anos, que andou com Pai Américo desde as primeiras colónias de verão em S. Pedro de Alva e no Ceira, ainda a Casa do Gaiato não era.

Vinte e um anos em Moçambique, sempre a mourejar. Vida de pobre, com pequenas economias, que por lá ficaram. Para trazer o pequenino bragal gastou quarenta contos. Em vão. Os caixotes andaram por lá e por cá aos baldões. Quase tudo lhe chegou partido.

A Empresa de construções que lá lhe deu trabalho, não tem aqui para lho dar.

— Ando às sopas da mulher que vai trabalhando uns dias por semana com tanto sacrifício — veja a minha vergonha! — Oh homem, vergonha era se fosse por vadiasse, mas não é...!

Mas bem compreendo a sua dor e lhe senti a inquietação. Uma história que nos toca de perto. Mas são tantas iguais!...

Onde estão os Direitos do Homem? Fala-se tanto neles e tão pouco se vêem respeitados! Tão pouco eles são traído de tanta leviandade!

Foi Pai Américo quem lá me levou. Depois, quantas vezes fui pelo próprio pé: umas por necessidades de saúde de Rapazes nossos; outras para me

revigorar no contacto daquelas Crianças sofredoras, a quem o ambiente físico e humano fazia esquecer quanto possível que ali era um hospital.

Se fosse pequeno — dizia eu — quase me apetecia estar doente para vir para aqui. Tal era o carinho da Mesa e das boas Franciscanas Missionárias de Maria, experimentado no convívio e reflectido na graciosidade impressa na decoração, no mobiliário, em tudo.

Em Portugal, em matéria de hospitais para Crianças, não conheço nada que, nem de longe, se assemelhe ao Maria Pia, no Porto.

Os mais pobres foram sempre a parte predilecta e prioritária — nós que o digamos, pela experiência dos nossos e de tantas Crianças oriundas dos bairros em que a cidade é pródiga.

Sabemos agora de manobras torpes que ali se perpetraram. Por amor das Crianças, das mais caídas, das mais abandonadas — que são também a nossa parte — protestamos com toda a veemência.

Uma carta:

«Há muito tempo que não lhe escrevo, que não «desaba-

Revolucionários

A Auto-Construção espontânea, do meio rural, tem uma faceta que passa despercebida a muita gente e convém sublinhá-la devidamente: o pequenino quintal que os Auto-Constructores nunca deixam de adquirir ao planear as infra-estruturas do seu prédio — normalmente cultivado a nível familiar.

E quando a terra não dá pano para mangas — acontece — arrendam pequeninas parcelas de lavradores vizinhos!

Enquanto as moradias sobem — temos visto e apreciado com os nossos olhos — eles surriam o terreno, que dará batatas, hortas verdejantes, fe-cundas!

Descrever pormenorizadamente o trabalho fantástico, melhor diríamos, a gesta heróica destes homens, daria um livro que seria a maior condenação de muitos profetas e papagaios d'ontem e d'hoje!

Para exemplo, fixámos um moço que trabalha no Porto e faz da terra natal o seu dormitório. Há dezenas..., nesta região!

São aproveitados todos os fins-de-semana: para ultimar a surribo, proceder ao cultivo do pequeno-grande quintal — sem crédito agrícola, sublinhamos — e para acabar definitivamente a nova moradia, fruto de muito sangue, suor e lágrimas!

fo), e faz-me falta. Faz-me falta, porque ninguém compreende as aflições de um Pai aflito que não seja quem tenha os mesmos problemas.

Eu já não sei quem culpar: se a mim, que não soube dar a meus filhos a preparação precisa para saberem caminhar no despenhadeiro da vida actual, sem caírem no abismo; se a malfadada sociedade de consumo e do lucro que é aquela em que vivemos; se eles, jovens, que não sabem, não

Libertação Cristã

Há, efectivamente, muito que fazer em ordem a assegurar aquilo que o famoso Abbé Pierre considerou os «preliminares da liberdade»: o pão, a saúde, o trabalho e a informação, esta numa dupla visão de instrução e educação. Mas falar em «preliminares» pressupõe o cerne da liberdade, isto é, a restauração da humanidade em cada homem, distorcido e inquinado pelo pecado, causa de todos os males e dos vários tipos de opressões, venham elas de dentro ou de fora.

podem, ou não querem fugir às tentações que os rodeiam.

Certamente que vê as revistas que estão nas montras; certamente vê os cartazes dos filmes e revistas; certamente vê as posições dos namorados nas ruas. Eu também vejo tudo isso. E, eu, que também tive 17, 18, 19 e 20 anos, pergunto onde há-de essa mocidade de hoje ir buscar forças para resistir às tentações.

Em minha casa tenho de tudo. A família é grande. Te-

«Foi para a liberdade que Cristo nos libertou», afirmou o Apóstolo, (Gal. V, 1). Na verdade, Jesus é o único e autêntico Libertador da humanidade decaída pelo pecado e, por isso, a vocação do homem cristão deve ser a de Cristo, seu modelo. Daí que as palavras e os gestos do Mestre devam também ser os seus, embora conscientes que a libertação, aqui e agora, não é um estado, mas uma caminhada, um processo dinâmico, de natureza escatológica.

Assumindo as suas responsabilidades, no tempo e no lugar em que vivem, os cristãos devem, pois, abominar todo o mal, fazendo-lhe frente com toda a força das suas almas. Primeiro o de dentro, logicamente; depois o que diz respeito ao todo em que se inserem e de que são em absoluto solidários. Revolucionarem-se a si mesmos, numa busca contínua de coerência de vida, e ajudarem a sociedade a transformar-se no caminho do Bem, da Justiça e da Verdade, eis a tarefa que a todos incumbe.

Sem a satisfação dos «preliminares» atrás referidos os cristãos não poderão viver tranquilos. Mas não basta isso; devem lutar contra os vícios e as paixões, as discriminações e as injustiças, as violências e os despotismos, venham eles donde vierem e se situem, não esquecendo, porém, a elementar norma moral, que os fins não justificam os meios. De resto, conscientes da sua vocação, desejosos de servir, de libertar, nada lhes deve meter medo ou constituir dificuldade intransponível. Amando a tudo e a todos, mais em actos do que em palavras, ainda lhes fica, na linha do Mestre, que venceu o Mundo, a capacidade de se

nho muito bom, tenho bom, tenho assim assim e tenho mau.

Mas até àquele que eu julgava bom, encontrei na sua secretária a revista que aqui junto. Lendo e vendo isto, que reacções podem tomar?

Querla dizer muito mais, mas por hoje chega. Em breve voltarei, para perguntar que posso eu fazer para:

fazer trabalhar
fazer estudar
fazer obedecer

os filhos numa sociedade em que não se trabalha, não se estuda e não se obedece.

Desculpe e creia-me muito sinceramente...»

Padre Carlos

afirmarem dignos, verticais e plenos de fortaleza, isto é, ainda aí verdadeiramente livres, mesmo nos momentos mais extremos e imprevisíveis.

«O LODO

e as

ESTRELAS»

CONT. DA PRIMEIRA PÁG.

ponsáveis pela miséria imerecida dos Pobres.

As próprias dedicatórias de cada uma das partes da obra são tão expressivas, significativas!

«A todos os que trabalham em túneis de minas ou barragens e hoje têm silicose» — é a primeira. A segunda diz textualmente: «Ao Kamboko, Muhongo e Mãe Chimina. Pelas lágrimas do Chico. A meus Irmãos contratados e Irmãos leprosos.»

Apetecia-nos transcrever «O LODO E AS ESTRELAS» na íntegra! A gente fica inflamado e até lhe apetecia que não houvesse ninguém, neste mundo, sem o livro.

Outrotanto têm feito muitos Assinantes: em vez de um, pedem logo dois, três ou mais exemplares!

Júlio Mendes



Gaiato

PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Júlio Mendes